



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº , DE 2019 (Da Sra. PROFESSORA ROSA NEIDE)

Reconhece a cerimônia do Kuarup, realizada no Parque Nacional do Xingu, no Estado de Mato Grosso, como manifestação da cultura nacional.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica reconhecida a cerimônia do Kuarup, realizada no Parque Nacional do Xingu, no Estado de Mato Grosso, como manifestação da cultura nacional.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A proposta que ora apresentamos pretende reconhecer oficialmente como manifestação da cultura nacional a cerimônia indígena do Kuarup – importante celebração que ocorre no Parque Nacional do Xingu, no norte do Estado de Mato Grosso, anualmente, entre agosto e setembro, tendo como tema central a morte, o luto e o culto à memória de mortos ilustres.

O ritual, que reúne todas as etnias do Alto Xingu, revive uma narrativa religiosa comum a esses povos, centrada na figura de Mavutzinin – divindade responsável pela criação do mundo, das coisas e dos primeiros homens, a partir dos troncos de um tipo de árvore chamada *Kuarup*.

A versão dessa narrativa colhida pelo indigenista Orlando Villas Bôas, que trabalhou por anos em favor da integridade, da saúde e da cultura dos povos xinguanos, é a seguinte:

“Mavutsinim (o primeiro homem no mundo) queria que os seus mortos voltassem à vida. Foi para o mato, cortou três toros da



madeira de Kuarup, levou para a aldeia e os pintou. Depois de pintar, adornou os paus com penachos, colares, fios de algodão e braçadeiras de penas de arara.

Feito isso, Mavutsinim mandou que fincassem os paus na praça da aldeia, chamando em seguida o sapo-cururu e a cutia (dois de cada), para cantar junto dos Kuarup. Na mesma ocasião, levou para o meio da aldeia peixes e beijus para serem distribuídos entre o seu pessoal. Os maracá-ép (cantadores), sacudindo os chocinhos na mão direita, cantavam sem cessar em frente dos Kuarup, chamando-os à vida.

Os homens da aldeia perguntavam a Mavutsinim se os paus iam mesmo se transformar em gente, ou se continuariam sempre de madeira como eram. Mavutsinim respondia que não, que os paus de Kuarup iam mesmo se transformar em gente, andar como gente e viver como gente vive.

Depois de comer os peixes, o pessoal começou a se pintar, e a dar gritos, enquanto fazia isso. Todos gritavam. Só os maracá-ép é que cantavam. No meio do dia terminaram os cantos. O pessoal, então, quis chorar os Kuarup, que representavam os seus mortos, mas Mavutsinim não permitiu, dizendo que eles, os Kuarup, iam virar gente, por isso não podiam ser chorados.

Na manhã do segundo dia, Mavutsinim não deixou que o pessoal visse os Kuarup. "Ninguém pode ver", dizia ele. A todo momento, Mavutsinim repetia isso. O pessoal tinha que esperar. No meio da noite desse segundo dia os toros de pau começaram a se mexer um pouco. Os cintos de fios de algodão e as braçadeiras de penas tremiam também. As penas mexiam como se estivessem sendo sacudidas pelo vento. Os paus estavam querendo transformar-se em gente.

Mavutsinim continuava recomendando ao pessoal para que não olhasse. Era preciso esperar.

Os cantadores — os cururus e as cutias — quando os Kuarup começaram a dar sinal de vida cantaram para que se fossem banhar logo que vivessem. Os troncos se mexiam para sair dos buracos onde estavam plantados, queriam sair para fora. Quando o dia principiou a clarear, os Kuarup do meio para cima já estavam tomando forma de gente, aparecendo os braços, o peito e a cabeça. A metade de baixo continuava pau ainda.

Mavutsinim continuava pedindo que esperassem, que não fossem ver. 'Espera... espera... espera' — dizia sem parar. O sol começava a nascer. Os cantadores não paravam de cantar. Os braços dos Kuarup estavam crescendo. Uma das pernas já



tinha criado carne. A outra continuava pau ainda. No meio do dia, os paus começavam a virar gente de verdade. Todos se mexiam dentro dos buracos, já mais gente do que madeira.

Mavutsinim mandou fechar todas as portas. Só ele ficou de fora, junto dos Kuarup. Só ele podiavê-los, ninguém mais. Quando estava quase completa a transformação de pau para gente, Mavutsinim mandou que o pessoal saísse das casas para gritar, fazer barulho, promover alegria, rir alto junto dos Kuarup. O pessoal, então, começou a sair de dentro das casas.

Mavutsinim recomendava que não saíssem aqueles que durante a noite tiveram relação sexual com as mulheres. Um, apenas, tinha tido relações. Este ficou dentro de casa. Mas não aguentando a curiosidade, saiu depois. No mesmo instante, os Kuarup pararam de se mexer e voltaram a ser pau outra vez.

Mavutsinim ficou bravo com o moço que não atendeu à sua ordem. Zangou muito, dizendo: – ‘O que eu queria era fazer os mortos viverem de novo. Se o que deitou com mulher não tivesse saído de casa, os Kuarup teriam virado gente, os mortos voltariam a viver toda vez que se fizesse Kuarup.’ Mavutsinim, depois de zangar, sentenciou:

– *Está bem. Agora vai ser sempre assim. Os mortos não reviverão mais quando se fizer Kuarup. Agora vai ser só festa.*

Mavutsinim depois mandou que retirassem dos buracos os toros de Kuarup. O pessoal quis tirar os enfeites, mas Mavutsinim não deixou. ‘Tem que ficar assim mesmo’, disse. E em seguida mandou que os lançassem na água ou no interior da mata. Não se sabe onde foram largados, mas estão até hoje lá, no Morená.”

O Kuarup, realizado pelos povos do Alto Xingu, reencena a tentativa de ressuscitação dos mortos presente nessa narrativa cosmogônica. A cada ano, uma etnia diferente (às vezes em associação com outras etnias) se responsabiliza pela preparação da cerimônia.

O ritual encenado utiliza os troncos cortados – pintados e decorados com ornamentos masculinos como cintos de algodão colorido, colares e cocares de penas – representando os mortos ilustres homenageados (geralmente, lideranças tradicionais ou políticas).

À noite, são acendidas fogueiras junto aos troncos, em torno das quais há canto e dança para o ressuscitamento, seguido do choro sentido



de mulheres carpideiras. Ao amanhecer, gritos anunciam a chegada das etnias vizinhas para a participação nos jogos e lutas. Segue-se, então, um rito de hospitalidade com a oferta de comida aos visitantes pelos anfitriões. As etnias convidadas e a anfitriã trocam presentes entre si, ofertando, cada uma, produtos de sua especialidade (cerâmica, arcos, colares). A cerimônia é encerrada com o lançamento dos troncos na água.

Como nos esclarece o antropólogo George Zarur¹, “*a tentativa de ressurreição e o pranto são sucedidos pela excitação das lutas e das trocas. As ações rituais relativas ao indivíduo morto são superadas pela vida coletiva, expressa na emoção alegre compartilhada. A ideia da convivência com os vivos sucedendo a morte é a própria ideia de continuidade da vida, de vitória sobre a morte, pela vida em comunidade, como aparece, também, no cristianismo. Está muito presente no Kuarup a ideia da partilha da alegria, do jogo, do alimento comum e da troca de objetos; a ideia de que os seres humanos devem consolar-se e alegrar-se uns com os outros, após a perda de alguém. Há súbita alternância entre tristeza e alegria. Assim, os índios do Xingu dizem que o Kuarup existe para ‘não sentir saudade’, no sentido de ‘não ter mais sofrimento com a perda’*”.

A prática do Kuarup xinguano é manifestação cultural da maior importância que deve, portanto, ser oficialmente reconhecida e apoiada pelo Poder Público, em consonância com a Constituição Federal que, no § 1º do seu art. 215, determina ser obrigação do Estado proteger as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

Assim, com a certeza da relevância da nossa proposta para os povos do Alto Xingu e para a cultura nacional, contamos com o valoroso apoio dos nobres pares no sentido de aprová-la.

Sala das Sessões, em _____ de 2019.

¹ ZARUR, George de Cerqueira Leite. “O Kuarup xinguano e os universais da narrativa religiosa”, CONLE, 2003. In: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/estudos-e-notas-tecnicas/publicacoes-da-consultoria-legislativa/arquivos-pdf/pdf/311902.pdf>



CÂMARA DOS DEPUTADOS

5

Deputada PROFESSORA ROSA NEIDE

2019-21478